



Poemas Flup

A poesia também pode inspirar a luta contra o trabalho infantil e a escravidão contemporânea



Poemas Flup

A poesia também pode inspirar a luta contra o trabalho infantil e a escravidão contemporânea



Ministério Público do Trabalho

Procurador-Geral do Trabalho

Ronaldo Curado Fleury

Vice-Procurador-Geral do Trabalho

Luiz Eduardo Guimarães Bojart

Chefe de Gabinete do Procurador-Geral do Trabalho

Rafael Dias Marques

Diretor-Geral

Leomar Daroncho

Idealizadoras do Projeto MPT-FLUP

Procuradoras do Trabalho

Eliane Lucina

Elisiane Santos

Ilustrações

Cyrano Vital

**Manual produzido pela Assessoria de Comunicação
Social do Ministério Público do Trabalho**


**Brasília, 2018
Gráfica Movimento**

Apresentação

O Projeto Seis Temas à Procura de Justiça: a poesia também pode inspirar a luta no combate ao trabalho infantil e à escravidão contemporânea foi realizado durante a FLUP – Festa Internacional Literária das Periferias, no ano 2017, no Rio de Janeiro, através de parceria do Ministério Público do Trabalho com a ACEC – Associação Cultural de Estudos Contemporâneos, organizadora do evento.

A 6ª edição da FLUP, que se realizou no Vidigal, Rio de Janeiro, contemplou a discussão dos temas trabalho escravo e infantil no contexto das revoluções necessárias para a construção de uma sociedade efetivamente justa e solidária. A festa literária tem como foco levar a literatura para as periferias, popularizando o livro, transformando-o num instrumento de mobilização social. Nesse sentido, os temas propostos pelo MPT, conectando a defesa dos direitos humanos com a literatura, possibilita a construção de pensamento crítico e ação social, especialmente envolvendo a infância e juventude.

A produção literária trazida nesta publicação é fruto dos encontros realizados na FLUP PENSA, envolvendo diferentes atores sociais, educadores, poetas, líderes comunitários, e no SLAM COLEGIAL, envolvendo pelo menos 70 adolescentes e jovens de escolas estaduais de nove territórios nas favelas do Rio de Janeiro. Doze alunos de sete escolas da Região Metropolitana participaram da disputa final de poesia falada: C.E. Hebe Camargo (Rio de Janeiro - Pedra de Guaratiba), IE Clélia Nanci (São Gonçalo - Brasilândia), CIE Miécimo da Silva (Rio de Janeiro - Campo Grande), Ciep 303 - Ayrton Senna da Silva (Rio de Janeiro - Rocinha), C.E. Ignácio Azevedo do Amaral (Rio de Janeiro - Jardim Botânico), C.E. Almirante Tamandaré (Rio de Janeiro - Vidigal) e C.E. Jardim Alvorada (Nova Iguaçu - Jardim Alvorada).



Os poemas selecionados pelo Ministério Público do Trabalho abordam principalmente questões relacionadas aos mitos do trabalho infantil, machismo e trabalho doméstico, trabalho infantil nas ruas, trabalho escravo, violência, tráfico de pessoas, invisibilidade social, redução ou não reconhecimentos de direitos, luta, resistência. Estão divididos em dois tomos, o primeiro referente aos autores participantes dos encontros da FLUP PENSA e o segundo se refere a produção dos jovens autores participantes do SLAM COLEGIAL.

Esperamos que a leitura proporcione diferentes reflexões e inspiração para a luta contra todas as formas perversas de opressão, exploração e violência na sociedade, especialmente contra nossas crianças e adolescentes.

Eliane Lucina e Elisiane Santos

Este livro foi o primeiro passo de uma caminhada que intuímos longa devido à convergência de pautas com que ambos trabalhamos – como por exemplo a percepção de que o racismo estruturou a sociedade brasileira e acima de tudo de que precisamos juntar esforços para combatê-lo. Quanto mais conversamos mais pontos em comum encontramos. E maior é o nosso desejo de trabalharmos juntos. Celebremos a parceria!

Ecio Salles e Julio Ludemir
Organizadores da FLUP

Sumário

Encontros Flup Pensa 1ª Parte	09
Cor de pele	11
Infância perdida	12
Quando Pedro cresceu	14
Cadê o menino?	15
Casa limpa e arrumada	17
Poema #1.....	19
Sinal vermelho	21
Cartão de ponto.....	23
Navio negreiro da Central.....	26
Privatização	28
Brasil escravo infantil	31
SLAM COLEGIAL 2ª Parte	36
Cantando na Chuva	38
Meritocracia da periferia	42
2007, Vidigal em silêncio	44
Olho pelos seus olhos	46
A matemática do machismo	48
África	51
Sem título.....	53
A Fábrica de Violência	56



Encontros
Flup Pensa

1ª Parte



Cor de pele

Luna Magalhães

Quando eu era pequenina
Do tamanho de um botão
Me mostraram a cor de pele
Não era igual a minha não!
Eu sempre fui pretinha
Da cor do grão de feijão
Mas a tal da cor de pele
Era um creme tipo salmão
E durante toda vida
Pensei nessa questão
Se meu tom não era de pele
Era de quê, então?
Depois inventaram o nude
Bem clarinho, no mesmo tom
Sugerindo que a nossa nudez
Nem chegava perto do marrom
Ora, quanta confusão!
Nem toda pele é tipo algodão
Pode ser preta, amarela ou marrom
A sua é de que tom?

Luna Magalhães é Poeta, escritora, professora e produtora cultural. A autora do livro "Versos e Vozes" e da antologia "Todos os Tons da Poesia", participa e produz eventos culturais. Envolvida com projetos sociais, criou "Poetas de Betanópolis", uma oficina que desperta a poesia em homens em situação de rua e dependência química. Sonhadora assumida, acredita que a Poesia, com seu grande poder de humanização, transforma vidas!

Infância perdida

Letícia Tavares Lemos

Não começou de hoje
Nem ontem
Mas sim
há muito tempo atrás
De lá pra cá
Talvez algo tenha mudado
Ou apenas aceitamos esse fato
Da infância perdida para o trabalho escravo
Mas infelizmente nessa dura realidade
Mostrava o quão triste e angustiante era estar ali
Sem ter pra onde fugir
Apenas existindo num mundo completamente incolor

Letícia Tavares Lemos, 17 anos, mora na Penha, Rio de Janeiro.

Começou a escrever poemas aos 12 anos. O que era um “passatempo” passou a ser algo essencial em sua vida. Ao participar da Flup Pensa teve uma visão de mundo ampliada, abrindo caminhos ao pensar numa escrita melhor, mais criativa, vencendo desafios, com amadurecimento e crescimento no seu processo de escrita e expressão de suas emoções e sentimentos.



Quando Pedro cresceu

Daniel Grimoni

aanteontem o pedro não veio pra escola;
quando liguei pra lá não me atenderam
deviam estar todos ocupados;
ontem o pedro não veio pra escola;
liguei pra lá e nada, ninguém
pensei que seus pais estariam
trabalhando, mas e o pedro?
o seu gonzaga, vizinho dele,
quando perguntei me disse:
pedro,
pedro foi ajudar o pai;
hoje ele não veio pra escola;
de noite pensei em ligar mas
achei melhor não, todos deviam
estar cansados e eu tive vergonha;
o seu gonzaga, que sabia dele,
quando fui lá me disse:
você,
você não se preocupe;
só espero que amanhã ou depois
ninguém
chame o pedro de vagabundo.

Daniel Grimoni Estudante do CEFET/RJ, 18 anos. Já teve contos e poemas publicados, e posta alguns de seus textos no blog Linhas Surreais. Um dia inventou de ser rio. Como Manoel, usa a palavra para compor seus silêncios.

Cadê o menino?

Yolanda Souza

Eita, fome danada...

Fome que aparece e some e nada diz

Cadê o menino, ele estava ali?

A fome o fez sumir!

O menino pediu, sorriu, chorou...

E aí cheirou a cola e a fome passou

Ali na encruzilhada da rua principal...

Os meninos foram lá e mataram a fome

E mataram a sede sem pedir licença

E voltaram pra “casa” e dormiram sem culpa

Ontem, o menino sonhou com o amanhã...

Mas foi explorado fazendo malabarismo

No sinal fechado!

Vendendo bala no trem da Central

E no trabalho pesado do canavial.

Os meninos não tinham nome, nem sobrenome

Foram entregues à sorte

Conheceram os pais e as mães na rua

Que lhes ensinaram a verdade

Nua e crua.

Cadê o menino?

Yolanda Soares de Souza, mãe de três filhos, avó de três netos e solteira. Escrever é um jeito de libertar-se do que tenta paralisá-la. Amante da poesia. Participa de 20 Antologias com poesias e contos. Participa da FLUP (Festa Literária das Periferias) desde 2012. Sonhar faz parte da vida e ajuda a alimentar a alma.



Casa limpa e arrumada

Marcus Cruz

A casa segue arrumada, toda sala aplumada
Nos armários não se tem poeira
Os vizinhos fofoqueiros foram pra feira
No ambiente familiar o trabalho continua
verdade nua e crua, tantas aventuras
Ao abrir a janela, abraço o horizonte
Sonhos passageiros...
Volto a focar na limpeza
Tenho sede de algo que nem sei
Continuo arrumando e limpando
Na verdade, nunca parei
Os móveis vivem a sorrir
Meu trabalho parece não ter fim
Minha infância e adolescência serviram de limpeza
Correnteza que me faz navegar
Um dia pretendo descansar
Viver, sonhar, estudar
Quem sabe até, se der tempo, vou ter a sorte de amar
O dia a dia me consola
Abraço a solidão, nada mais me apavora
De vez em quando dou um pulo lá fora
Vejo a cara da sociedade
O sorriso amarelo da política
O despertar de uma crítica
Mas enfim...
Volto pra casa e lá vai a faxina
Faxino tudo com vontade, faxino versos e rimas
Essa arte me domina

Passo o rodo na tristeza, ponho a comida na mesa
Assisto a TV, mudo de canal a todo instante
Tenho um desejo de mudança constante
Deixo a porta aberta pra felicidade
E sigo a viver essa realidade.

Marcus Cruz, poeta e compositor, primeiro poeta a ser publicado na coletânea da Flup pensa em 2012 com o poema. As Aventuras de um lápis (Do Borel para o Mundo) Compositor da Unidos da Tijuca, segue escrevendo poemas e escrevendo sambas e assim poetizando a vida. Em 2018 pretende lançar seu primeiro livro solo O céu de um poeta, com prefácio escrito por Julio ludemir, produtor e diretor da Flup.

Poema #1

Jaqueline Calazans

Ela partiu. Partiu não por opção, foi forçada. Maltratada.
Escorraçada. Amordaçada. Estuprada. Mutilada.
Amarrada. Arrastada. Ignorada. Decapitada.
Se voltou? Não voltou, não voltou porque corpo não restou,
não lhe deram opção, ocultaram seu sumiço e apagaram sua
existência. Inventaram quem ela era pra justificar tamanha
crueldade, pra não ter que explicar
tim tim por tim tim e se descobrir a verdade.
Luana, Cláudia, Eloá, Fernanda, Ione, Dandara, Anastácia,
Elza Soares, Beatrice de Congo, Mariana Crioula, todas
massacradas pelo mesmo olhar.
E quem irá nos salvar?

Jaqueline Calazans atriz, performer, poeta e produtora do sarau Carolinas na ZN do Rio. Mora na Zona Norte, mas é cria de Austin Baixada Fluminense. Se encorajou a abrir seus escritos para o mundo a partir da Flup Pensa.



Sinal vermelho

Leonardo Rocha

Quanto custa o futuro num sinal fechado?
Os vidros fechados
A alma culpada
O riso forçado
Os malabares malfeitos
Equilibrando apenas distâncias
O suor quente, salgado pela lágrima muda
De quem nem sabe que perdeu
As pernas vermelhas da ira materna
Também vermelha na face, no medo
O futuro chora nos noticiários
Um presente natimorto
Mãos grossas e adultas
Feridas em corpos tão pequenos.
Quanto custa matar um futuro num sinal fechado?
As pessoas passam
Os carros passam
E o futuro continua lá, desfigurado
Sem chance pro presente
Sem a sorte de ganhar o que sonhar
Está tudo naquele pequeno intervalo
Entre o verde e o laranja
O desperdício, a fome
Menos a culpa
Essa sobrevoa distante

Janta as melhores comidas
Toma os melhores vinhos
Numa fartura covarde de culpa e solidão.

Leonardo Rocha dos Santos, brasileiro, nascido em Nova Iguaçu. Aos 14 anos descobriu a poesia ao ganhar um concurso literário na escola. Desde então, por influência dos poemas de Carlos Drummond de Andrade, escreve e atualmente divulga suas poesias na página @osilencioocultodaspalavras, com poemas autorais.

Cartão de ponto

Augusto Dias

Enquanto as muralhas seguem tão imorredouras
e a combustão do farol do fim do mundo está morta
e as ideias apodrecem na mente e nas lavouras
e a infelicidade do coração, infinitamente, te corta
o poeta é uma navalha.

Enquanto dormem os homens de duvidosas atitudes
e a certeza foi jogada, dentro de uma garrafa, ao mar
e os poemas tornam-se cada vez mais raros e rudes
e a vida já foi confinada ao mais profundo silenciar
o poeta é um canalha.

Enquanto o cantar dos passarinhos vira mau agouro
e “descansar à sombra de uma árvore” é alta infração
e a maldição de escrever é seguir para o matadouro
e o verde das florestas prossegue tingido de vermelho-cão
o poeta é uma fomalha.

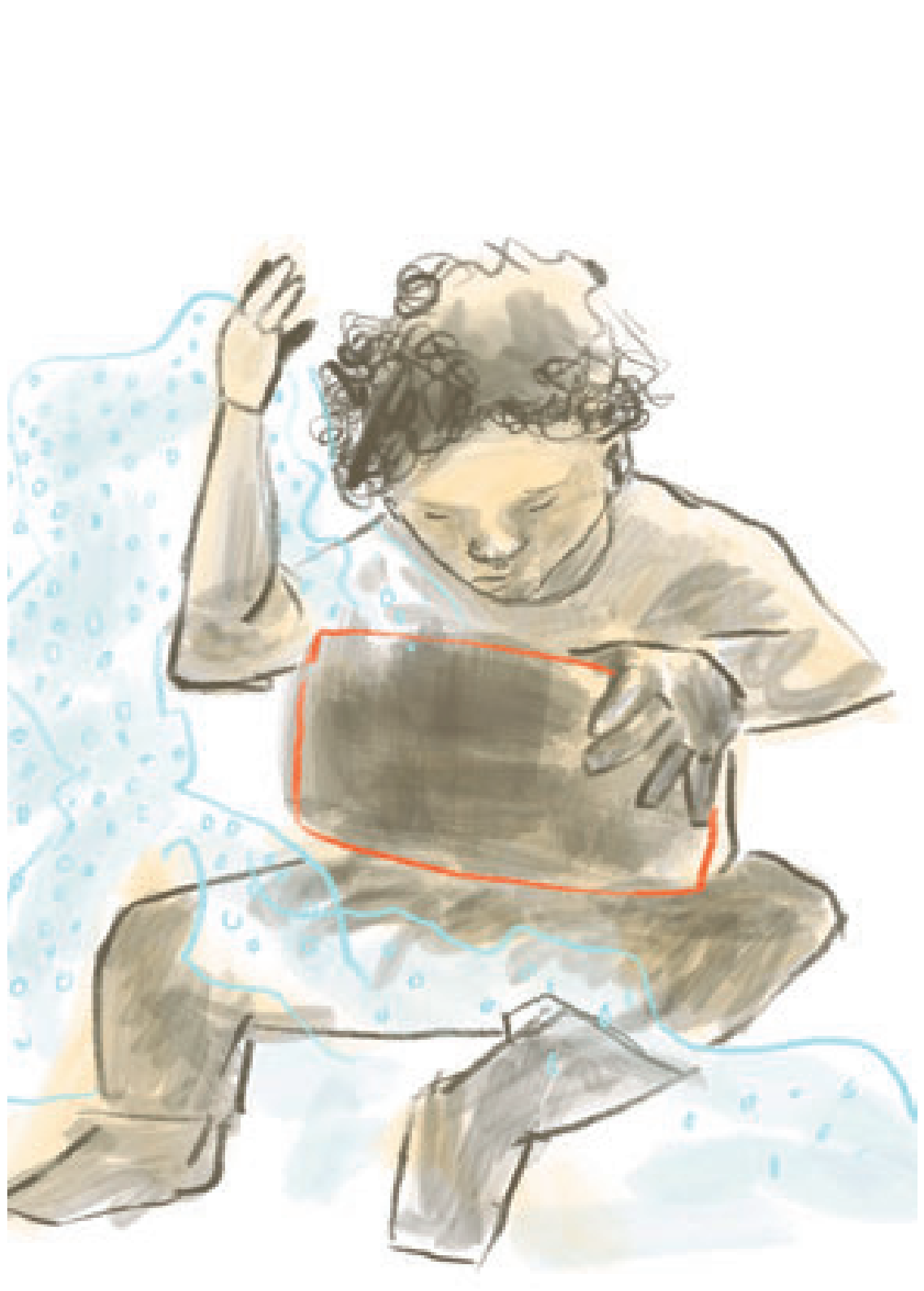
Enquanto todos fecham, devagar, a porta em sua cara
e esmurrar de nada adianta porque eles não têm ouvido
e esperar que ela se abra novamente só te mascara
e se matar pelas migalhas é o teu papel, agradecido
o poeta é uma metralha.

Enquanto sorrisos são distribuídos nas redes antissociais
e a fartura é muito grande em círculos cada vez menores
e medo, rancor e hipocrisia são cada vez mais banais
e o horror da morte cotidiana não é nada que te apavores
o poeta não joga a toalha.

Enquanto todo mundo busca ser tão civil e tão ordeiro
e o senhor de escravos veste um terno de corte italiano
e, ano após ano, a raposa é quem vigia o galinheiro

e a poesia tenta causar, a tudo isso, um qualquer dano
o poeta não desiste, trabalha
para você continuar humano.


Augusto Dias nascido em São Gonçalo, é professor de Literatura formado pelo Centro Universitário da Cidade (RJ), com passagem pelo Mestrado em Teoria da Literatura da Universidade Federal Fluminense. Publicou “A última noite” (Ed. Letras e Expressões – R.J. – 2006) e “Anotações para depois do temporal” (Ed. Scortecci – S.P. – 2014). É um dos membros-fundadores do Corujão da Poesia, movimento que incessantemente leva poesia ao Estado do Rio há 13 anos.



Navio negreiro da Central

Gabriel Mação

Nas manhãs nasce a multidão
Gerados na placenta da grande serpente
De aço
Carne moída que sangra
No navio negreiro da Central
- O grito de ontem continua hoje –
Da Baixada à Zona Norte
Da Zona Norte ao abate
O ponteiro é caos
Consumindo o tempo
Vozes dos que desesperadamente
Correm confusos entre
A pressa dos que têm fome
Na presa de seus donos
No prato suas vidas
A refeição
Seus anos
Nas janelas os vultos
Das ingratas paredes
Do corredor da morte
Cinza a cidade
E o suor sem cor
Nos rostos vagos de cada vagão
Vazios de liberdade
Dias apáticos



Horas raquíticas
Minutos saqueados
Escravos modernos.

Gabriel Mação, Gay, luta pelos direitos da comunidade LGBTI. Carioca e morador do subúrbio do Rio, começou a escrever em 2014 através do projeto Turista Aprendiz. Atualmente é graduando do curso de Museologia na UNIRIO e já publicou no livro “Do rio ao mar”.

Privatização

Rafael Inácio

Privatização, pegue a escravidão e atualize
Pois todo trabalho análogo é terceirizado
A Lista Suja não é a Lista de Schindler
Ainda assim, nos pagam o mínimo, exploram ao máximo
Sustentamos os obesos, burgueses
As desigualdades eu meço pelos I.M.C.s*
Falo da estética dos pratos
Onde a igualdade pede arrego pra ganância, de fato
Açoite remunerado
Com todo direito... De ficar calado
Analfabetismo é plano do governo fajuto
Sem instrução, resta ceder ao jugo
E seguir a boiada que trabalha, trabalha
Trabalha, trabalha e trabalha
Pra enriquecer canalha, canalha
Canalha, canalha e canalha
O trabalho é libertador
Engraçado, que só os patrões sabem disso
Têm grandes empresas porque herdaram
Do pai, do avô, do bisavô...
Que dos nossos ancestrais roubaram
E nos sobrou o salário de fome, subemprego
E a exploração pelos novos sinhôs
É sem distinção de cor, desde que seja negro
Com a CLT no museu, voltamos a 1943
Primeiro de maio ou de abril? Respondam vocês
Mais uma vez o povo paga por esse absurdo
Estamos fadados ao futuro obscuro

Daqui a 49 anos, me mandem flores
Não liguem se eu estiver meio pálido
Não toquem no meu paletó de madeira, me deixa
Curtir minha vida de aposentado

Rafael Inácio, tem 23 anos, nascido em Niterói/RJ. É Rapper, Slammer e Poeta. Os raps que ouvia e os autores negros que passou a ler foram inspiração e ajudaram no processo de reconhecimento de injustiças e consciência sobre direitos. “Depois de ter um pouco de consciência sobre minha realidade, percebi que também poderia escrever. E aqui estou.”



Brasil escravo infantil

Raquel de Oliveira

Vamos ouvir as crianças
As crianças do nosso Brasil
Vamos ouvir
Lá pelo Norte do país
Rosto roto
Mambembe
Lambuzado de preto
Parece até engraçado
Pra quem não conhece o enredo
Tem medo do amanhã
Tem medo que o hoje já ameça
Com sua chegada escrava
Enxerga nada
Seus olhos são só fumaça
Menino franzino ainda
O barro do sapê agora fogo
A árvore tão linda
Cheia de vida
Juntam-se ao seu corpo
Fogo
Carvão
Menino carvoeiro queimado
Vendido rendido escravo
Lá pelas bandas do Nordeste
Além de água
Falta comida
Gente desassistida

Isso tem de montão
E as meninas
Que irão para a berlinda
Carne seca, farinha, feijão
São trocadas para a escravidão
Babás, manteúdas, ajudantes de cozinha
Trabalho doméstico alheio
Arrancam-lhes do seio
A família não vê nisso nenhum mal
E manda pra capital
Bandos surgem em São Paulo
De crianças desgarradas
Era uma aqui outra acolá
Antes estendiam a mão
Aceitando qualquer pão
Hoje são gangues
Escravos do abandono
Da solidão
Juntam-se em suas misérias
E vão...
Oba vai ter banguê-banguê
Corre
Lá vem o bicho-papão
Seus grilhões
Condenam a população
A não ter
Mesmo assim se recusam a ver
Celular, relógio, cordão
Farinha pouca
Primeiro o meu pirão
E no Rio de Janeiro a janeiro

Paisagens as mais belas
Praias lindas
Turismo a mil
Meninos, meninas
Crianças tortas
Largadas perdidas
Entregues a todo o tipo de exploração
Trabalho de rua
Prostituição
Mazeladas
Sequeladas
Massacradas
Escravas do tráfico de drogas
Mortas
Entregues ao canalhismo
Da cidade senil
E no Sul não é diferente
Crianças corrompidas
Em seu ser gente
Interrompidas
Atreladas à escravidão
Disfarçada de ganha-pão
Na construção civil
Na agricultura
Flanelinhas
Catadores de papel
E o mais cruel
Nas minas de extração
De Acácia e Ametista
Doze, treze, quinze anos
Suportam o peso do minério

E a fuligem da lixa
E tem mais
Meninas lindas
Com seus traços de modelos
São enganadas
No tráfico de pessoas
E jogadas nos puteiros
Fui vendida inda menina
Escravizada
Trabalhei como filha da puta
Num terreiro de macumba
Mas Ogum me ensinou
Que por mim o sol parou
Num caminho de morte
Criança desprotegida
Não entendia nada
Dei sorte
Hoje entendo e me vejo obrigada
A levar como mensagem
Esperança
E se posso fazer, faço
Choro
Oro
Crio poesia
Denuncio
Para mostrar
Aos ainda
Escravos crianças
Que o mundo tem que amar
As pessoas por igual
E que cedo ou tarde

Acredite
A liberdade vai chegar
Fecho aqui o meu Brasil
Resumindo a trajetória
Do trabalho escravo
Na exploração infantil

Raquel de Oliveira carioca da gema, cria da favela da Rocinha, descobriu-se poeta com tratamento para dependência química. Publicada pela Flup desde 2013 como poeta e contista. Encontrou uma nova forma de viver através da poesia e com paixão na escrita. Sua poesia traduz o sentimento do mundo. É escritora, pedagoga, professora, conselheira e romancista.

Slam
Colegial

2^a Parte



Cantando na Chuva

Hendrew Guimarães Soares

Acordo cedo mais uma vez,
Agradecendo por estar vivo mais um dia
Por ainda ter minha família, uma cama, um teto
Por ainda ter esse tão pouco pra comer
Sou grato a tudo que me foi dado
Amor, carinho, conselho, abraços
Tapas, chutes, maus-tratos
Não tenho porque amaldiçoar minha vida
Ser ingrato com minha vida
Se é que ainda tenho vida
Com os tempos mudados
Há quem ande preocupado de passar nas esquinas e não ser
assaltado
estuprado, espancado ou baleado
Por causa de um celular, alguns trocados
Um tênis caro, um cordão dourado
Como estamos?
Vejamos como temos nos comportado,
É gente roubando
É gente matando
É gente sendo racista
É pai estuprando filha
O próprio esperma que foi por acaso
Cadê o amor paterno?
Cadê o orgulho da família vestindo terno?
Exercendo a função de corretor ou advogado
Vendendo paçoca na rua, trabalhando em mercado?
Qualquer trabalho daria orgulho, sendo honesto e não precário

Só sabemos julgar, apontar, criticar o próximo
Mas não vemos que estamos mais próximos do fim desse mundo
Onde não enxergamos nossos próprios erros
É fácil falar: “político ladrão! Rouba milhões pelo seu bem-estar!”
E o seu estado, como está?
Corrupto safado!
Mas antes de cobrar, temos que rever nossos atos,
desde a venda de voto por notas que não mudarão o futuro e nem
o passado
Isso também é corrupção.
O problema não é escola, é a qualidade da educação
que de geração a geração só faz piorar
Pais que não tiveram oportunidade de estudar
Têm filhos na juventude e não sabem educar
Por falta de pai e mãe na tua adolescência
Por falta de qualidade no lugar pra chamar de lar
Só vemos tráfico, roubos, drogas.
Crianças geram filhos por moda aos 12 anos
Se perdem himens por homens que têm o dobro da idade
Que dobra sua carga horária
Pra vigiar a área onde são vendidas as drogas no morro
Ninguém vê a dor pra entender...
Sociedade perdida, juventude dançando valsa com HIV.
Rio de Janeiro cidade maravilha, só se escuta isso na TV
Cinema é ilusão, Tropa de Elite, explosão de informação
Pra toda nação, aos 4 ventos, só roubo e corrupção
Realidade da favela e da cidade
Dois nichos ecológicos onde habita a maldade
Mas ainda insistem em nos entupir
De animação e marketing, vai entender...
Por isso, pra mim já acabou a TV...
Cinema acabou...

Só vejo cenas de chuva,
Dois em um guarda-chuvas - mas que amor...
Agora te pergunto:
Quantos banhos de chuva um mendigo tomou?
Vai entender.

Hendrew Guimarães Soares tem 19 anos, nascido no bairro Boavista, em São Gonçalo. De família humilde, trabalha desde novo para auxiliar no orçamento. Faz parte de um grupo de rap chamado "Milennium", onde vem desenvolvendo suas atividades, e sonha em ser um músico bem sucedido para poder ganhar dinheiro cantando pelo país e ajudar a sua família.

MANGUEIRA/MANGUINHOS

Alex Teixeira, Participar do Flup Slam Colegial foi um desafio tanto para xs jovens, quanto pra mim. Ao mesmo tempo foi um exercício extremamente prazeroso, principalmente quando comecei a perceber a mudança dos alunos na forma de escrever, recitar e se envolver com a poesia, e a cultura do Slam. Essa Geração Z está com tudo! Eles tem garra e coragem pra falar o que sentem, só precisam de um disparador, e esse, com certeza já foi dado.



Meritocracia da periferia

Indiara Carvalho dos Santos

Faz muito tempo que eu não arrumo nada
Auxílio acaba, desemprego me dá um tapa
Se fosse há alguns anos, eu até poderia
Sair mais cedo, no gás, na esperança
Mas a criança tá pequena ainda
A mãe trabalha e eu ao menos deveria
A grana apertada, não dá pra nada
Nome sujo, lama na casa
Da rua não asfaltada, esburacada
Da água que cai quando chove, sem pudor e que chore
Que chorem os pais, o filho
E todo mundo que não tem um pingo de vontade de estar vivo
Nessa pobreza mal disfarçada
Miséria, labuta, e vai à luta, que amanhã é dia de conta chegar
Água, casa, telefone, onde?
Onde estão as chances, as oportunidades
Que eu ouço falar todo dia
Parece até piada, mas me contam em tom de poesia
Romantizam a batalha e é herói quem deu a volta por cima
Exemplo de vida, quem não conseguiria?
Um em milhares, é mais fácil ganhar na loteria
Que ver um pobre de periferia
Depois de tanto tapa na cara, tanta hipocrisia
Conseguir chegar aonde o filho do rico chegou
E que nem me falem das dificuldades que o pobre enfrentou
Foi empreendedor, camelô, artista
Chegou mais tarde em casa, foi parado pela polícia
Porque tem cara de ladrão, tá com droga na mochila

Um lápis, um caderno com versos, um colete à prova de balas e uma armadura
Pra se proteger de tanta luta
Pra manter a cabeça no lugar,
E enxergar um futuro diferente do que lhe querem empurrar
Mercadoria apreendida, bala achada, bala perdida
Se abaixa que lá vem outra baixa
Ladrão, polícia, milícia
Amigo morto, ferido
Dado como bandido enquanto fazia mais um bico pra ajudar a família
Poderia ter sido qualquer um, basta morar em periferia
Mas esses não ficam na memória
Não servem de exemplo, são mártires esquecidos de uma mesma história
Ignorada, mas conhecida
Que se repete a cada verso que recito
E que se abafa como qualquer outro grito
Que vem daqui, do lado mais frágil, do lado mais oprimido.

Indiara Santos é estudante de publicidade e futura produtora cultural. Escreve desde que pode se lembrar, mas começou a interpretar seus textos autorais recentemente. Se inspira no cenário de slammers, principalmente mulheres de SP e RJ para escrever e recitar suas poesias.

2007, Vidigal em silêncio

Marcos Luiz

2007, Vidigal em silêncio
Correria nos becos e vielas
Todos escondidos em suas casas
Com medo de serem achadas pelas balas

2007, Vidigal em silêncio
Só se escutam tiros e bombas
Gritos e mais tiros
“Cuidado, eles estão escondidos no vizinho”

2007, Vidigal em silêncio
Menos na minha casa
Lá eles estavam escondidos
Encapuzados e todos de preto
Armados até os dentes

2007, Vidigal em silêncio
Trabalhadores, crianças, todos com medo e aflitos
Todos querendo saber quando essa guerra vai acabar
2007, Vidigal em silêncio

Marcos Luiz

17 anos, atualmente trabalho na empresa Hortifrut como jovem aprendiz. Moro na comunidade do Vidigal na zona sul há 15 anos, sou bodyboard e surfista local do cantão na praia do Vidigal.

VIDIGAL

Júlio Ludemir. O contato com os estudantes do FLUP Slam Colegial, em particular os do Colégio Estadual Almirante Tamandaré, me fez visitar as origens da FLUP em Nova Iguaçu, quando fui um dos coordenadores do projeto Jovem Repórter. Mais uma vez foi inspirador conviver com os jovens do universo popular. Vi nos dois meses em que trabalhei na escola noturna do Vidigal que, a despeito da crise, o Brasil não para de se renovar. Sai mais uma vez grávido do desejo de mudar o mundo.



Olho pelos seus olhos

Beatriz Souza

Olho pelos seus olhos

Enxergo o que muitos não querem ver

É desde a infância que tudo isso começa a acontecer

Me empresta o lápis cor de pele?

O da cor da minha pele

Com seus ouvidos eu escuto a briga no vizinho

NÃO FALA ASSIM COMIGO

EU NÃO SOU TUAS NEGAS

Não fala assim..

Na loja de roupa, posso ver as madames em busca do modelito perfeito

Mas sempre passando longe daquele PP

- **PRETO POBRE**

Todas elas com muito medo de você

Que só estava admirando a blusinha e se perguntando o porquê de o segurança já estar atrás de você

Com seus ouvidos posso ouvir os batimentos da moça quando tu subiu no ônibus

E o barulho das correntes do passado que trazem o racismo como tradição

Com seus olhos eu vi mais um descendo o morro

E logo em seguida..

PAPUM, o barulho do pipoco

É mais um que morre e vira estatística pra ser mostrada pro povo

Eu vi sua dor e ouvi teu choro

Era seu irmão que tinha tantos sonhos e agora tá morto

Te vi perguntando pra Deus quando iríamos usar os cinco sentidos humanos

Porque eu vejo, eu ouço Só precisamos de dois dos sentidos para sermos mais humanos

Beatriz Souza é uma jovem atriz de 17 anos, que muito cedo descobriu sua paixão pela arte. Começou pela música, se encantou pelo teatro e audiovisual aos 10 anos e dedica-se desde então. Sua última descoberta foi na escrita, uma nova forma de expressar-se.

SEPETIBA/GUARATIBA

Elisabeth Manja. A chegada do Flup Slam Colegial em Sepetiba/Guaratiba foi um olhar cuidadoso para um território muito poético, mas que dificilmente está incluso nos circuitos dos grandes eventos da cidade. Portanto, a chegada da Flup foi mais do que um presente, foi uma urgência para nossos jovens poetas e eu aprendi muito com eles sendo parte desse todo.

A matemática do machismo

Igor Nascimento Dantas

E aí, machista, você é bom em matemática?
Então conta aí, quantas mulheres você maltratou?
Quantas você humilhou, desrespeitou?
Eu sei, perdeu a conta
Sua mente diminuta não se dá conta
Se acha maior que o mundo a sua volta
Idiota! Mais respeito, menos preconceito
Ou cada vez mais vai ser motivo de chacota
Mente limitada, realmente alienada
Inteligência subtraída, apagada
Acha que espalhar o preconceito vai te ajudar?
Visão errada!
Zero vezes mil, continua sendo nada
Homofóbico! Sua falta de aceitação é seu dilema
Subtraia os gays e vai multiplicar seu problema
Macho alfa?
Se acha o Alfa e o Ômega?
Mente atrasada.
Se acha o sabe-tudo, burrice ao cubo e mente quadrada
Eis o X da questão
Ache o valor da sua conduta
Uma mulher não tem preço, mesmo que seja uma prostituta
Você se acha fogão?
Isso é o cúmulo do cúmulo
Sua matemática de ódio faz Pitágoras se revirar no túmulo
Acúmulo de ódio, isso eu rejeito
Calcule o delta da variação do seu conceito
E pare com essa violação de direitos

Digamos: mais amor e menos preconceito!
Seu ego, seu maior defeito
Isso te torna incapaz
Compare X e Y e diga-me: Qual vale mais?
Sei que pra sua mente pode ser demais
Mas saiba que $1+1 =$ os dois sexos são iguais

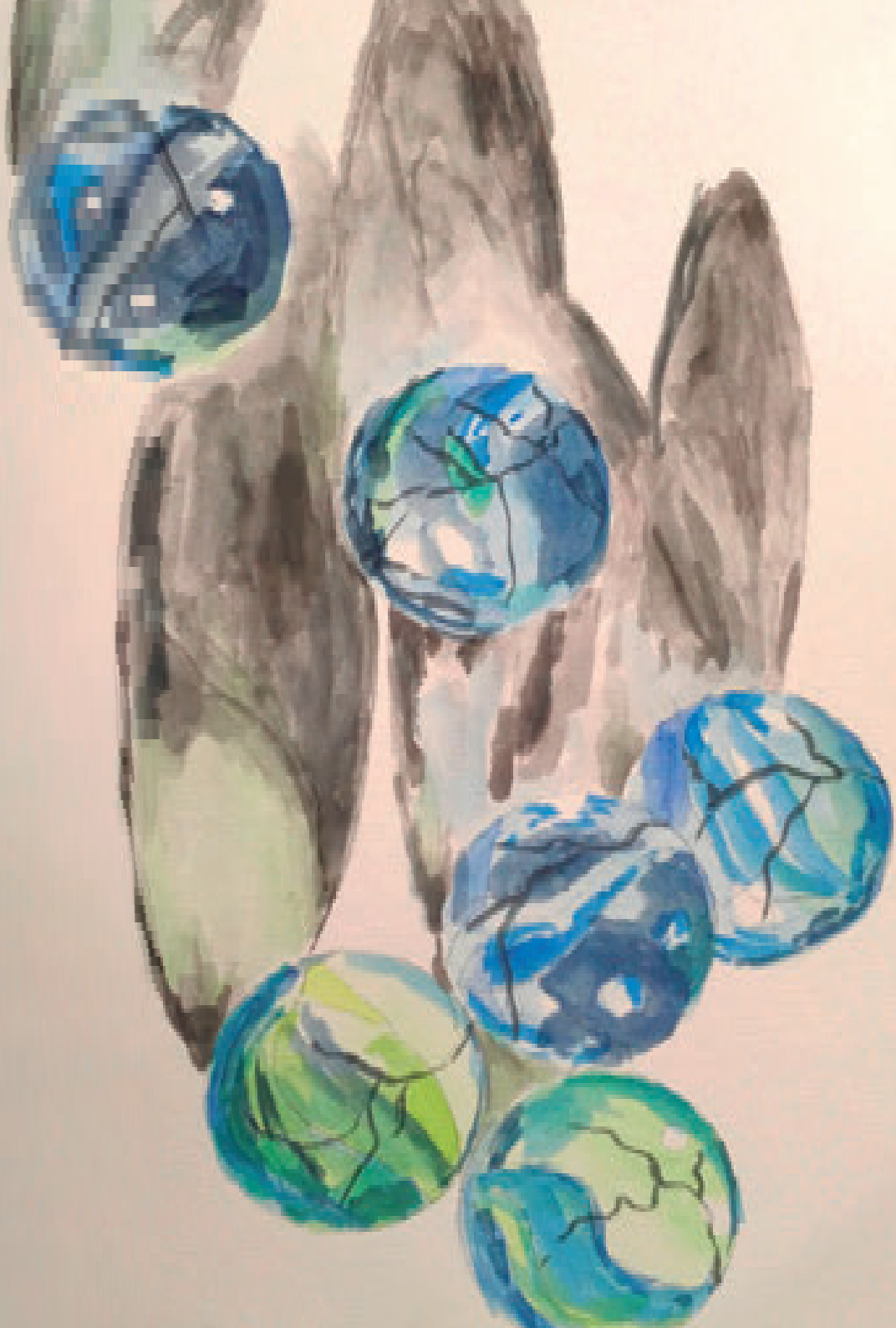
Sou Igor Nascimento Dantas, tenho 17 anos, e... Que seja...Sou Igor o poeta invisível, mas também sou Igor o músico sem nome, o garoto do cabelo cacheado, o menino do violão, entre outros... Sou mais do que os seus olhos podem ver. Sou estudante, trabalhador, poeta, músico, distraído, carinhoso, diferente, louco,... Sou eu.

NOVA IGUAÇU

Lisa Castro. Sempre soube que a minha amada Baixada Fluminense é um celeiro de artistas talentosíssimos em várias áreas, me alegra ver a FLUP SLAM COLEGIAL dando oportunidade para esses jovens mostrar sua arte. Agradeço aos responsáveis do colégio Jardim Alvorada e Mario Guimarães que me recebeu com muito carinho, pela confiança e parceria.

O que dizer desses jovens? Eles me emocionaram, foi uma experiência maravilhosa que tive em conviver com eles, mesmo que por pouco tempo, vivenciar sua particularidades e anseios. Jovens sensíveis, inteligentes e preocupados com o próximo. É uma honra pra mim hoje te-los como amigos.

Talentos em ascensão.



África

Aldo Levi

África que vejo
África que sinto bater em meu peito
África de raízes estendidas ao mundo

África escrava se libertou
África morta ressuscitou
África sempre com perseverança
África com ar de esperança

África dos grandes reis, dos faraós
Da Matemática à Medicina
Das pirâmides à Astronomia
África das grandes construções que fascinam corações

África riquíssima de Norte a Sul
África de tradições, de Baobá e de Zulu
África linda de se ver
África que não pode deixar de se reconhecer

África do Jongo, Maracatu
África da Macumba, Umbanda, Vudu
África do Candomblé, Zumbi, Pixinguinha e Pelé

África língua, religião
África música, alimentação
África pai, mãe e irmão
África povo, estado e nação

África do crente e do ateu
África do cristão e do judeu
África de negros e de brancos
África de gentes, gente que ama e sente!
Gente consciente, inteligente

África de outras mil
África que sinto em minha alma
África da pátria amada
África do Brasil

Aldo Levi

Nascido em 21/07/1999 o aluno Aldo Levi Linhares dos Santos, que estuda no centro Interescolar Estadual Miécimo da Silva (CIEMS), demonstrou seu interesse em poesia após o convite de suas professoras da biblioteca de sua escola. Então, movido de tanto estímulo, se tornou um dos finalistas do FLUP SLAM COLEGIAL 2017 RJ

CAMPO GRANDE – Treinador SLAM Luiz Felipe

“Participar das provocações da Flup é sempre uma ousadia. Propor uma relação entre poesia falada e territórios populares do Rio de Janeiro, para além de reconhecer as potências dessas regiões, é fomentar o poder criativo dos jovens e revelar o quanto a produção poética está cada vez mais presente no cotidiano das pessoas.”

Sem título

Glória Knust

A carne preta
É a mais barata
Do mercado
Tá marcado
Com etiqueta vermelha
Como num alvo (traçado)
Renan Neves
17 anos
Trabalhava
E fazia pré-vestibular social
(Pra vocês, um favelado ANORMAL)
Uns dizem que foi assaltado
Outros dizem que foi esfaqueado
E eu digo a todos vocês
(ELE) FOI ASSASSINADO
E o meu maior medo
É misturarem os fatos
E no jornal dizerem que
Ele era envolvido,
Na manchete escrito
“Preto traficante
Se joga na faca de
Um menino branco”
Verdade seja dita
O nome disso é injustiça
O menino
Se foi e agora
Só resta a gente

Pra sentir
Saudade
Por causa de um garoto branco
Que como sempre
Achou que o motivo dele
Era maior que a vida do outro
A vida do meu amigo
Não valeu nada
Nas mãos desse indivíduo
E por causa de um ciuquinho bobo
Mais uma mãe fica sem seu filho
“Imagina eu, cotista, formado na PUC”
Frases de um guerreiro
De nome Renan
Amanhã, minha vitória será a sua
Hoje, só luto

Glória Knust

Glória Knust da Silva, 18 anos, cursando o terceiro ano do Ensino Médio, no Ciep Ayrton Senna, na Rocinha. Estudo Teatro, na Nova Escola de Teatro. Sempre tive contato com a Poesia, através do meu pai. Me imaginei capaz de ir pra duas finais de Slam. Hoje em dia posso dizer que a poesia me fez melhor.

ZONA SUL – Treinadora Yassu Noguchi, poeta e slammaster do Haicai Combat e do Slam das Minas RJ

“Ter conviviado em três escolas públicas da zona sul durante dois meses como treinadora com turmas do ensino médio e abraçado isso no meu processo de trabalho: descobram os poetas que são, já tendo escrito ou não / poetas também podem ser slammers / a potência de se colocar a palavra na voz / todas as palavras são permitidas, sem meio ou forma definidos.

O texto na folha do caderno ou na tela do celular como um pássaro pousado sobre as mãos dos alunos. E eles, quase livres.

Aí quando a falaram, Poesia, voaram.”



A Fábrica de Violência

Taranto

Surge um ponto fora da curva
A máquina da sociedade atua
Anula
A mão pesada da padronização dói sobre minhas costas
Qualquer um que critique, tá fora
A elite branca permanece adulterada
Fazem de tudo para manter a sua bocada
São da sociedade a escória
Recebem propinas milionárias
E dizem que bolsa família é esmola
Querem nos prender em suas amarras
Querem manter os pretos na senzala
Querem limitar o cérebro a operações programadas
Eles criam monstros que se dizem superiores
Por causa de sua religião, gênero e cores
Se o mito diz, engole, repete e mete o pau em qualquer um que desmente
São alienados pelo êxtase de estar no topo do mundo
Mas não refletem um mísero segundo
Que diferença faz um tom de pele ou quem eu amo ou deixo de amar?
Será que isso realmente influencia no teu jeito de pensar?
Agressão, assassinato
Tudo isso porque dois jovens de mesmo gênero andavam lado a lado
Como explica a pedra na cabeça da menina que vestia o branco de sua religião na rua?
Tudo isso porque não é a mesma que a sua?
As milhares de manas caladas na noite, corpos violados por estupradores, e a mente enlouquece depois de tanto ouvir “ah, mas merece”

O ódio ao próximo cresce cada vez mais
A compaixão e empatia desaparecem
A violência contra o modo de ser está no auge
Cada dia mais estatísticas para o jornal
E a gente grita, a gente ruge
Mas a mídia foca no banal
Pra uma espécie que se nomeou homem sábio
Estamos mais para um bando de retardatários
Egoístas, vis e ordinários
Que matam e excluem e ainda julgam a vítima como errada
Fazem do seu próprio semelhante o escárnio
Renegam o sofrimento do próximo ao esquecimento
Levam ao ridículo por uma discriminação
Deixam milhares de crianças sem educação
Ao relento
Sem proteção
E ainda falam que tudo na vida é por merecimento?
Até quando existir uma pessoa presa em amarras opressoras
Ainda haverá espaço pra revolução

Taranto

Estudante de Pedra de Guaratiba, morador de Bangu. Sempre teve preconceito com as artes de rua, porém após uma experiência no slam poetry se apaixonou pelas artes e começou a escrever.

Rodrigo Santos, treinador.

Eu agradeço à Flup pela oportunidade de poder conhecer, conviver e fazer parte da história de cada um ali. Emociono-me às lágrimas (chorei pra caramba na final do Vidigal) porque vejo em cada uma dessas crianças o menino que eu fui, e que nunca tive a chance que a eles foi proporcionada. Cresci escrevendo sem nunca ter conhecido um escritor, mesmo que vira-lata como eu, e ouvindo que escrever era “coisa de burguês”, que eu devia estudar para algum concurso público. Mostrar para eles que sim, é difícil, mas que é difícil pra todo mundo, e que eles não estão sozinhos em sua jornada potencializa e espanta suas asas para que eles possam seguir voando. E, como me disseram todos eles, “tomara que tenha isso em 2018, porque quero articipar de novo”. Evoé!”







Ministério Público do Trabalho